

A pandemia, o Estado e o mercado

A pandemia trouxe consigo o regresso do Estado e o reforço do seu papel regulador na economia e na sociedade, o que obrigará, sem dúvida, a repensar o papel estratégico do Estado. Na regulação do mercado e da própria globalização.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 10 de Março de 2021

Rudolf Virchow, médico alemão e grande patologista dizia, já no fim do século XIX, que as pandemias são fenómenos sociais. Que também têm alguns aspectos médicos. Um ano depois de a OMS ter declarado a [pandemia da covid-19](#) não temos a menor dúvida de que estava cheio de razão. O choque sanitário transformou-se num choque global, que afectou a vida quotidiana da sociedade, arruinou a economia e desafiou o Estado.

A pandemia, porém, não está a funcionar por ruptura, mudando a direcção da História. Pelo contrário, parece estar a funcionar como um acelerador de tendências, e, nesse sentido, a ser um revelador do futuro. Duas parecem já evidentes. A primeira dessas tendências é o recuo da [globalização](#). Nas últimas décadas a globalização cresceu, exponencialmente, sustentada em cadeias de valor cada vez mais extensas e diversificadas, desdobrando a produção em diferentes locais do globo com o objectivo de reduzir ao máximo os custos de produção. O baixo custo dos transportes, o desenvolvimento das comunicações e o livre comércio fizeram o resto. A rapidez dos fluxos substituiu as reservas estratégicas.

Os grandes beneficiários foram os países com mão de obra barata, em particular, a China. Ora, a pandemia veio demonstrar à evidência a dependência do Ocidente, dos Estados Unidos e da Europa, em relação à China e a ameaça que isso significava para a sua autonomia estratégica. O alarme chegou pelo sector da saúde, mas revelou toda a extensão da dependência estratégica. Resultado? Os Estados vão querer minimizar essa dependência, retomando o controle nacional ou regional sobre o processo de produção. Vão diversificar as suas fontes de abastecimento e reconstituir as suas reservas estratégicas. Vão encurtar as cadeias de valor e atribuir uma nova prioridade à reindustrialização. E apostar nas novas tecnologias como a digitalização, a robotização e a descarbonização. Quem tiver dúvidas, basta olhar para a [estratégia de resposta à crise da União Europeia](#) que é a este título exemplar.

Claro que, como a peste negra não pôs fim nem à rota da seda, também a covid-19 não porá fim à globalização. Mas será uma globalização diferente, a globalização pós-pandémica. Espera-se que mitigada nos excessos neoliberais e mais regulada nos seus princípios. Nas últimas décadas, a globalização gerou um movimento de interdependência global, mas essa interdependência não foi acompanhada por um sistema correspondente de gestão política. Isto é, por um modelo de regulação. Mas regulação implica gestão política e gestão política implica o regresso do Estado. Ora, essa é a segunda tendência em movimento.

Na década de oitenta, Reagan e Thatcher, iniciaram uma nova era a que chamaram neoliberal. Começou aí um processo de privatização e desregulação económica e financeira que a globalização levou ao extremo. Apagaram-se as soberanias e reforçaram-se as redes. Foi a derrota do Estado e a vitória do mercado. Agora a pandemia veio mostrar, precisamente, o contrário. Isto é, a importância do Estado. Na gestão da saúde pública, na recuperação da economia e na protecção das pessoas. E, bem entendido, na cooperação internacional necessária à regulação da globalização. Mas a verdade é que, perante a ameaça transnacional à segurança humana que a pandemia constituiu, ficou clara a insuficiência da cooperação internacional e o fracasso da *global governance*.

As respostas à pandemia foram, essencialmente, nacionais. Porém, nem todos os Estados responderam da mesma forma ou tiveram o mesmo sucesso na gestão da crise. As diferenças na [vacinação](#) e o nacionalismo da vacina aí estão para o mostrar. Estamos ainda mergulhados na pandemia e longe de lhe conhecer todas as consequências e retirar todas as lições aprendidas. Mas uma coisa, por agora, parece certa. É que sem o Estado, os países são incapazes de responder a situações de emergência nacional. E que o sector privado, por si só, não é capaz de assegurar a gestão da crise e gerir as suas consequências: garantir a saúde pública, promover a recuperação económica e assegurar a protecção social. A pandemia trouxe consigo o regresso do Estado e o reforço do seu papel regulador na economia e na sociedade. Este regresso do Estado não significa, certamente, a derrota do mercado ou o fim dos actores privados. Mas obrigará, sem dúvida, a repensar o papel estratégico do Estado. Na regulação do mercado e da própria globalização.

<https://www.publico.pt/2021/03/10/mundo/opiniao/pandemia-estado-mercado-1953680>